ANO 2.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 1922 N.º 415

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

PASSOU ante-ontem o 14.º aniversario da morte de Trindade Coelho, jurisconsulto, homem de letras e publicista. As amarguras da vida venceram-no. O desespero pôde mais do que ele.

A sua memoria, porém, vive, entre nós. Os seus livros são lidos e amados. Da sua passagem através a terra ingrata e cheia de espinhos que pisou nos ultimos anos da sua vida, mantem-se sempre brilhante a chama do seu espirito.

* * *

UM edital do sr. comandante da divisão fixa a hora do recolher nas onze da noite. Esperamos que breve ele possa ir um pouco mais além, de maneira que os teatros abram as suas portas. Muitos e muitos artistas passam horas aflitivas, com a suspensão das garantias. Ha já historias tristes que correm de boca em boca. Esperamos que todos entendam que a inquietação das ruas se denuncia sempre nas privações dos lares.

* * *

CONSTA-NOS que o governo fez substituir os censores que ontem tão tempestuosamente varejaram as paginas dos jornais que lhes caíram nas mãos. Se assim fôr, registaremos um pequeno triunfo da razão sobre o desacerto. Quem com ferro mata, com ferro morre!

* * *

NO banquete que os viticultores do Douro oferecem, segunda feira proxima, na Regoa, de tão luminosas paisagens, aos srs. drs. Veiga Simões, Nuno Simões, Antonio Fonseca e Lobo Alves, beber-se-hão vinhos do Porto com um seculo de existencia.

São licores que dormem perfumados, doirados e ardentes em garrafas que o pó reveste duma treva aparente. O espirito que os anima é proximo parente das aguas do Douro e filho dilecto do sol de Portugal.

Que diriam os deuses, se os provassem?

* * *

O sr. dr. Celestino de Almeida era um republicano de principios e, portanto, incapaz de transacionar com a moral dos republicanos de interesses.

Apesar de não ser eloquente, fazia-se ouvir, nas Camaras, pela maneira desataviada, mas sensata, como entrava nos debates, acalmando algumas vezes enormes procelas. Emquanto alguns ambiciosos o olhavam com desdem, ele limitava-se a dizer-lhes:

—Subam depressa, mas curvem-se perante o busto da Republica!

* * *

TAMBEM o nosso colega o *Correio da Manhã* interrompeu a sua publicação, por alguns dias até reorganizar o seu quadro tipografico. *A Vanguarda* só tornará a sair depois do desaparecimento da censura.

* * *

SEGUNDO um panfleto lusófobo que se publica no Rio de Janeiro, Pedro Alvares Cabral não descobriu o Brasil, limitando-se a inaugurar as viagens de recreio entre Portugal e as Terras de Santa Cruz.

Esta mania de amesquinhar o valor dum povo que, á força de ser grande, nem contou todos os titulos da sua gloria, ainda ha-de acabar por nos convencer que os nossos antepassados fizeram mal em não limpar de onagros as terras da Descoberta.

A CENSURA

A razão em Portugal sofre tratos de polé, havendo sempre uns sugeitos que, sob pretexto de servi-la, a maculam e injuriam com aprazimento das turbas. O que ontem se passou com a censura, que, de lapis vermelho em punho, ia tragando todo o *Diario de Lisboa*, é sintomatico.

Os nossos redactores, embora sejam jovens de sangue na guelra, compreendem as responsabilidades do que escrevem e até a verdadeira significação de acontecimentos que culpas alheias preparam e desencadeiam. Eles proprios se mostram duma cautela tão rigorosa que parece de pessoas cheias de anos e de sapiencia. Nunca, com os seus escritos, fizeram mais que trabalhar para o sossego dum país que outros perverteram e alucinaram.

Assim, o numero de ontem do nosso jornal foi feito com apurado cuidado, evitando-se até no relato dos sucessos dos ultimos dias notas de completa actualidade, só para que ninguem nos acusasse de *demasiado exactos*.

O premio deste esforço breve o recebemos. Os censores, reunidos num gabinete do Quartel do Carmo e seguindo instruções que eles aplicavam com um criterio quasi feroz, deixaram nas paginas do *Diario de Lisboa* vestigios assinalados da sua passagem.

A Patria, que o seu ilustre director mantem fóra de paixões e rancores, protestou contra a estranha violencia. Muito lhe agradecemos as suas palavras de hoje. A solidariedade dos nossos colegas, nos agravos que sofremos, é para nós a melhor das recompensas.

A censura, como ontem dissemos, pode ser salutar, quando exercida com tino e tacto. E' um mal necessario. Exige-se, porém, que aos jornais se forneça uma indicação das materias em que é proibido falar ou só com muitas reticencias.

Desta vez, nem esse aviso previo recebemos! Sem mais tir-te nem guar-te, só soubemos da sua existencia quando ela já, insensatamente, devorava o nosso jornal.

LINGUAS DO MUNDO

— Dansam, como se não soubessem que são vistos por nós — diz uma.
— E nós olhamo-los, como eles não desejam ser olhados — diz a outra.

CONHECEMOS um velho prior que ensurdecera, nos tempos da Maria da Fonte. Ficou-lhe para sempre o receio dos motins e revoluções. Enterrado numa cadeira de verga, quando alguem o visitava, inquiria logo:

—«Temos por aí alguma *bernarda?*»

Como a sua surdez era profunda, não percebia bem o que lhe diziam. O mundo era para ele um enigma.

—«Que se passará agora na China, na Russia, na Turquia e na Inglaterra?»

Esta pregunta enchia-o de confusão. Quando a morte se lhe aproximou, não a presentiu sequer. Ainda teve ensejo de preguntar a um sobrinho que lhe apareceu com os olhos lacrimosos:

—«O' João, teremos *bernarda?*»

* * *

ENCONTRAM-SE em Lisboa dois jornalistas brasileiros, redactores de *A Patria*, o diario a que João do Rio deu os ultimos fulgores do seu espirito, inquieto e combativo.

São os srs. Abadie Faria Rosa e Dias Sobrinho—dois rapazes em cujo olhar franco se advinha Portugal.

Propõem-se acompanhar o sr. Presidente da Republica ao Rio de Janeiro, enviando ao seu jornal as notas e impressões do itinerario. O *Diario de Lisboa* apresenta-lhes as suas saudações.

* * *

UM leitor do *Diario de Lisboa*, o sr. Acacio Domingos, escreve-nos uma carta em que se ocupa da morte do alfaiate Manoel d'Almeida, encarregado duma oficina na rua de S. José. Afirma que ele não morreu dum estilhaço de bomba, mas sim vitimado por um tiro.

Quem o disparou? A sua carta responde a esta pregunta com precisão. Como a ocasião não é propicia para dizer todas as verdades, esperemos mais uns dias.

* * *

ABRE no proximo sabado, nos salões do antigo Hotel Lawrence, em Sintra, a terceira exposição de desenho, pintura, escultura e arquitectura. São expositores os artistas: Emid. Mitchell, Anjos Teixeira, Adriano Costa, Joaquim Costa, Anibal de Faro e Oliveira, Alberto de Lacerda, Alfredo Morais, Norte Junior, W. B. Mitchell, João Serodio e Vasco Regaleira.

São cêrca de 70 os trabalhos expostos.

* * *

FOI reconduzido no cargo de secretario da Faculdade de Farmacia o professor da mesma faculdade sr. Antonio Moreira Beato.

* * *

A escolha do sr. dr. Veiga Simões para em comissão exercer o cargo de nosso ministro em Berlim só merece o nosso aplauso, visto ser ele um dss nossos diplomatas que mais lucidamente compreendem a necessidade de renovar os habitos e rotinas das nossas legações.

* * *

ESTÁ bastante reduzido o movimento nas secretarias ministeriais, em consequencia dos ministros raramente comparecerem ali desde que as duas casas do Parlamento funcionam de manhã e de tarde. Os serviços de administração publica ressentem-se tambem por esse motivo.

O que diz o sr. Peres Trancoso

O sr. Peres Trancoso teve ontem á tarde, no Parlamento, depois de ter conferenciado com o sr. presidente do ministerio a seguinte conversa com um redactor do *Diario de Lisboa*:

— V. ex.ª pediu a demissão?

— Sim senhor. Depois do que me foi feito hoje aqui no Parlamento eu não posso ficar.

— Mas ...

— Limitei-me a receber, na função de homem publico, uma comissão, e a prometer que analisaria os trabalhos economicos, sobre pão e carestia da vida.

— Essa comissão?

— Era a nomear ámanhã no *Diario* depois de os grevistas terem retomado o trabalho. Não pactuei, nem saltei sobre o Parlamento. Sou um homem que sabe onde começam e acabam os seus direitos e deveres.

— V. ex.ª recebeu a comissão...

— Sim...

— Que lhe foi apresentada pelo deputado sr. Camoezas.

— E' verdade.

— Mas falou com os membros do governo antes de ter resolvido o que resolveu?

— Não. Só depois. Mas isso não significa nada pois eu não tomei compromisso algum.

— Muito bem. A sua opinião sobre o pão?

— Quero um tipo unico.

— Belo. Mas V. ex.ª sabe — di-lo o sr. ministro — que ao preço das farinhas ele pode ficar á roda de dez tostões.

— E' questão a estudar.

— Importante, não?

— Eu creio que eles (eles, são os representantes dos grevistas) aceitam o pão, tipo unico a oito, nove tostões.

— Mas pode ser?

— Repito: é questão a estudar. Além de tudo o que os protestantes não querem é o tipo intermedio a 1$20. Um tipo de luxo, não me parece que o recusem, para os ricos. desde que o tipo normal, ou tipo unico seja bom e seja a preço rasoavel.

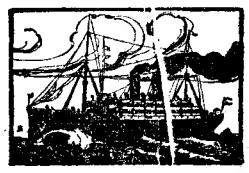
— V. ex.ª então desiste do pedido de demissão...

— Não quero criar dificuldades. Mas nesta situação não posso ficar.

E acentuando:

— Eu só quiz ajudar a resolver uma situação intrincada e tornar possivel uma plataforma honrosa. Em Portugal faz-se abuso de palavras.

E disse-nos o seu adeus o sr. Comissario dos Abastecimentos.



Para o RIO DE JANEIRO

com escala pela Madeira partirá a 23 de agosto o vapor

«Lourenço Marques»

Para carga e passageiros, tratar com o Comissariado da Exposição do Rio de Janeiro, na Sociedade de Geografia (rua Eugenio dos Santos) Lisboa, e Palacio da Bolsa, no Porto.

HOMENAGEM POSTUMA

A romagem á Chaves

NO DIA 19 DE OUTUBRO

DIZEM DE SUA JUSTIÇA OS DR. JOSÉ VARELA E JULIO CRUZ AMIGOS INTIMOS DE ANTONIO GRANJO

Sentados a uma mesa do *Leão d'Ouro* estavamos ontem três pessoas: eu, o dr. José Varela, ex-deputado e ex-governador civil de Santarem, e o Julio Cruz, que foi igualmente deputado e ambos amigos intimos e secretarios de Antonio Granjo.

José Varela falou assim:

— Li com muito prazer a sua entrevista com o dr. Fernandes de Almeida, e que veiu transcrita, na integra, no *Republica*. Regosijei intimamente com o que nessa entrevista se disse, primeiro porque eu conservo cada vez mais viva a lembrança do que foi o meu melhor amigo, e depois por ter havido entre mim e Julio Cruz e o dr. Fernandes de Almeida transmissão de pensamento.

Julio Cruz atalhou:

— Exacto. E' uma ideia justa essa da homenagem ao Granjo, e em que nós pensamos desde a primeira homenagem piedosa a Chaves...

* * *

Ia entrando gente. Creados açodados, em salamaleques curvilinios atendiam com mesuras as voracidades dos estomagos.

José Varela continuou:

—Isto é uma sucia de ingratos! Noventa e sete por cento dos que deviam fundos favores ao dr. Granjo já o esqueceram ha muito porque se voltaram logo para o sol nascente assim que os assassinos o liquidaram. Ora nós já reconhecemos inviavel a ideia da criação do Gremio Liberal Dr. Antonio Granjo. Foi uma utopia que se desfez. Vamos portanto agora pensar em coisas sérias e resolver não só sobre a romagem a Chaves no proximo dia 19, para o que hoje mesmo reunem varios amigos de Antonio Granjo—Hermano de Medeiros, Antonio José Pereira, Alberto Portela, Judice Bicker, Coelho Dias, Julio Cruz e eu — mas ainda ácerca da indispensavel subscrição para uma «maquette» e para um busto em bronze que nós desejavamos se inaugurasse no dia 27 de dezembro proximo em que Antonio Granjo faria, se fosse vivo, 41 anos.

* * *

Houve um silencio. Julio Cruz quebrou-o com mais um pormenor:

—O futuro busto do Granjo ha de figurar numa das praças publicas de Lisboa. Para esse efeito contamos já com o vereador Simões Torres, que, da melhor vontade e em homenagem ao nosso infeliz amigo, o proporá numa das proximas sessões da Comissão Executiva da Camara.

E logo José Varela:

—E' isso. Mas ha mais. Cunha Leal, cujo gesto lindo do Arsenal todo o país recorda ainda com ternura, proporá tambem na sua Camara que a fundição do busto, em bronze, seja feita a expensas do Estado, no Arsenal do Exercito.

Houve nova pausa. O criado serviu não sei que afrancesada iguaria e o Julio Cruz voltou ao assunto da palestra:

—Pensamos ainda dirigirmo-nos a todas as Camaras Municipais e Juntas de Paroquia do país pedindo-lhes com empenho que, nesse dia, prestem homenagem á memoria desse honradissimo politico da Republica, dando o seu nome a uma das ruas da localidade.

* * *

O José Varela volta á ideia falhada do Gremio e diz:

—Oiça lá! Como chegou a haver quem subscrevesse para a fundação do Gremio Liberal, a que ha pouco me referi, pode afirmar que vamos escrever a todos indagando se querem o dinheiro subscrito ou se desejam que ele passe para a construção do monumento.

* * *

Durante algum tempo mais o nome de Antonio Granjo foi ainda varias vezes evocado e a sua acção politica, honrada e honesta até ao sacrificio, teve dos dois amigos palavras de justificadissima saudade.

Depois a conversa derivou para a politica geral dos partidos da Republica e José Varela, que era liberal á data da revolução outubrista e que o é hoje novamente, explicou assim os seus gestos:

—Você recorda-se que, num momento de sentida magua, abandonei o partido liberal, pondo-me incondicionalmente ao lado do capitão Cunha Leal, que eu politicamente, até aí, não via com bons olhos, mas que, depois da sua nobilissima atitude no Arsenal, me captivou por completo. Com ele no poder, fui governador civil de Santarem, e ao lado dele estive sempre e estou hoje. Ora Cunha Leal entendeu que prestava um novo serviço á Republica filiando-se no P. L. Acatei a sua resolução, e, pela sua mão e pela de meu velho pai, regressei ao meu antigo partido. Não foi uma incoerencia. Foi ainda um impulso de honra e um gesto de lealdade...

* * *

Estava terminado o almoço. A ida a Chaves voltou ainda ao final da palestra, e José Varela e Julio Cruz começavam agora nos elogios ao jornalista, que não esquecera ainda aquele que fôra tambem seu amigo. Mas deste momento em diante a reportagem terminara...

P. F. (M.)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Cascais, D. Maria da Assunção de Calheiros Cruz, D. Maria Alexandrina Pacheco de Abreu da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Maria Fernanda Baptista de Melo Beirão, D. Constança Maria de Queiroz Montenegro Pinto Moreira, D. Joana de Bragança (Lafões), D. Alice de Barcelos, D. Maria Margarida de Mendôça (Azambuja), D. Adelaide Valado Arnaud, D. Beatriz Maria dos Anjos Tenreiro Ilharco da Silveira Vieira, D. Maria Tereza Burnay de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Natalina Maria Serrenho e D Aurora Sales Diniz.

E os srs.:

Pedro José da Silva, Frederico Ferrari de Vasconcelos Abreu e Alvaro de Faria.

Casamentos

Com desusada pompa realizou-se no dia 29 do mês findo, em Pousos (Leiria) o casamento da senhora D. Amelia de Sousa, gentil filha do sr. José de Sousa, proprietario, já falecido, e da senhora D. Rosalia de Sousa, da Quinta dos Reis (Pousos), com o sr. Antonio Ferreira de Carvalho, funcionario bancario, filho da senhora D. Efigenia Ferreira de Carvalho e do sr. Joaquim Augusto de Carvalho, funcionario da C. P.

Após o acto civil, que se realizou na residencia da noiva, celebrou-se a cerimonia religiosa na igreja paroquial de Pousos, sendo celebrante o rev. prior Gameiro, da Caranguejeira, servindo de padrinhos, da noiva, a senhora D. Maria da Anunciação Figueiredo Costa Santos (Andrinos) e o sr. dr. José Pedro Dias, e do noivo a senhora D. Olga Larsen Assis Lopes e o sr. Antonio Vieira Pinto, da casa Pinto & Soto Maior, de Lisboa, que se fez representar, com procuração, pelo sr. Mario de Figueiredo.

Terminado o casamento religioso, a que assistiram numerosos convidados, organizou-se o cortejo nupcial em direcção á residencia da mãe da noiva (Quinta dos Reis), tomando nele parte 16 carruagens e automoveis, sendo em seguida oferecido um lauto banquete, que decorreu no meio da mais franca alegria.

Na «corbeille» viam-se artisticas e valiosissimas prendas.

Veraneios elegantes

Na praia das Maçãs

Realizou-se no passado mez de julho, nesta linda praia, um esplendido almoço organizado pela senhora D. Maria Tereza de Lencastre Ferrão de Castelo Branco, o qual decorreu sempre debaixo da maior animação e alegria.

Assistiram ao almoço as senhoras: D. Maria de Lourdes Figueira Freire de Castro Constancio, viscondessa de Porto Côvo da Bandeira e filha D. Margarida; D. Maria Ana de Lencastre Ferrão de Castelo Branco e filha D. Maria Tereza; D. Laura Ferreira Pinto Basto Figueira Freire da Camara Quintela, D. Maria Emilia, D. Maria Domingas e D. Maria Izilda de Castelbranco, D. Maria Tereza de Quintela Saldanha (Farrobo), D. Maria de Menezes e Vasconcelos, D. Maria Palha Van Zeller, D. Maria Izabel e D. Maria de Castelbranco Ferreira Pinto Basto, D. Barbara de Laxman Ferreira Pinto Basto, etc., etc.

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas

Formosinho

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

Telefone C. 3033

SOUZA, MOURA & C.ª, L.da

End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

..... LISBOA .....

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

EXPOSIÇÃO DE AUTOMOVEIS NO PORTO

2.° SALON AUTOMOBILE

PALACIO DE CRISTAL

Visitai a exposição de automoveis que se está realizando no

PALACIO DE CRISTAL

NO PORTO

onde estão expostos os ultimos modelos de «Chassis» polidos de afamadas marcas, enviados expressamente pelos construtores, que figuraram no Salon de Barcelona, e que se destinam á exposição do Rio de Janeiro, assim como numerosos carros lindamente carrossados que representam interessantes creações tanto da industria nacional como estrangeira.

Os «stands» decorados com gosto e profusamente iluminados constituem um grandioso certamen automobilista onde os amadores encontram desde o modesto carro de preço resumido até aos mais luxuosos e custosos modelos.

CAMBIOS E BOLSA

SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO

Compra e venda ás melhores taxas

EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Pancada, Morais & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

AS LENDAS HEROICAS DA RAÇA

ODE A D. SEBASTIAO

por João de Castro

Arrancar! Arrancar!
Teu grito de paixão
Acorde em mim, de novo, a Raça inteira,
Seja minha alma a forma derradeira
Em que venhas gritar
A Redenção,
Seja a minha alma o altar.

Entrego-te, Senhor, mais que ninguem
A crença messianica em teu sonho!...
Nem no desastre nem na dôr suponho,
Tão grande é minha esperança,
Não esteja a proteger-me do além
A tua alma, da Morte em que descansa

Eu vim a este mundo para dar
A' Patria o coração sangrento, aberto.
—Quem me evocou do além, da divindade?
Os teus gritos vararam-me, ansiedade
Da Raça divina a agonizar,
E a esperar, a esperar, o Encoberto

Porque nasci, Senhor, para combater
Pela Patria que foi o teu estandarte,
Procuro-te, meu Deus, em toda a parte,
E sem ti ante mim não sei viver.

Tu és aquela cruz que toda a Raça
Deve ter ante os olhos, imortal,
Tu és a grande esperança que não passa
E o Cristo da Desgraça,
E a lembrança tristissima do Mal.

E's o sinal divino,
Aquela grande e triste maravilha
Que ao mundo, um dia, veio resgatar
A gloria excessiva de um Destino,
que porque em ti se exalta, mais que humilha,
Ha de voltar, Senhor, ha de voltar...

Deus te mandou um dia a este mundo
Para redimir o sonho mais profundo
De combate e da acção...
O' Cristo das Vitorias,
Os teus cravos da dôr foram glorias,
O teu triunfo magua de Paixão!

A vitoria do Homem foi tão alto!...

O' Rei, O' Redentor, tu redimiste
O Triunfo do Homem e partiste,
Num vôo de vitorias para o céu..

O' Derrota que foste o apogeu
Do triunfo do Homem sobre a terra,
O' Derrota de Deus que em ti encerra,
Alma Real,
A Redenção de todos os triunfos
E o misticismo e o sonho triunfal.

Tu tens em ti as almas do passado,
Todos que a Raça ergueu contra o Universo
Numa largada atrós...
O' sonho de dominio alevantado,
O' Rei na divindade já imerso
A lutar, a lutar, por todos nós.

Tu tens tambem em ti a Redenção
Do triunfo excessivo que quebranta
Em ti a redentora aspiração:
O Imperio da Terra Santa

O' Terra desvendada e conquistada
Por nossas lutas todas e torturas,
O' Terra humanizada,
Por ti, Senhor, divina e levantada
Num vôo de brancuras
Num vôo redimido para Deus!
O' Terra Santa, Imperio já dos Ceus.

Tu tens tambem, Senhor, toda a agonia
Deste martirio imenso prolongado,
Tu fizeste-me o eco desgraçado
Do grito que deixaste, miserando,
Aquele grito de paixão varando
De um pesado livor toda a alegria

E's um corpo divino de beleza,
E's uma cruz de chagas e martirios,
Escarnecido, aviltado.
Um violento Cristo, torturado,
Em maguas e delirios,
Por não vencer a propria Natureza!

O' Rei triunfador! O' Derrotado,
Para subir no Infindo!
O' corpo de desgraças tão pesado!
O' Rei menino e lindo...

Tu tens tambem em ti a Esperança nossa,
A esperança de vencer...
Ó Raça, ó Cristo,
Tão divino de lutas e sofrer!

Tu tens em Ti aquela maravilha
De esperança que não cessa,
A Esperança do Triunfo é tua filha
Em Ti o Céo começa.

Ó Rei dos Reis, ó Santo, ó Divinal
Em ti sómente, espera o meu amôr.
Tu que venceste a dor e a derrota
Mostra-me a nova Rota
Que ha de seguir no mundo, Portugal.

Porque juntaste em ti tanto misterio,
Ês a cruz do País e o seu sinal.

Por isso clamo e grito para ti,
Ó Senhor Desejado e sempre ausente,
Meu Rei! eu que sofri
Tua imensa paixão e tua morte...
— Dá-nos Senhor, a mesma tua sorte
E a Victoria futura, eternamente!...

Dá-me a tua Visão, ó Rei, ó Cruz!
Olhos postos em ti caminharei
E Alma sagrada pela tua luz
A minha Raça eterna salvarei.

Ó Rei vê teu País em perdição.
E que o teu sonho de Africa é perdido
Ó Rei, vê a vileza e a traição
E o teu povo tão grande corrompido.

Estamos sem alma, ó Rei sempre Divino!

Oh! Renova-te em mim ó Encoberto!
Teu sonho está já perto
E prestes a vencer
Tu és esta certeza que não cansa,
Ó Rei, ó Desejado todo Esperança,
Alma que nos proteges de Alem-Morte
Conjurador da sorte
E incitamento a todo o combater

Hei-de gritar á Raça e acordar-te
Na Raça tambem para te adorar
Rei que em nós todos andas torturado
Em nós crucificado
E que eu hei-de salvar.

Ó D. Sebastião, hei-de evocar-te
Da minha alma tua companheira,
Hei-de acordar-te em dôr da Vida inteira
Que despresado vive Portugal

Tu voltarás em mim e neste Povo,
Ó Desejado, ó Encoberto, ó Deus,
E sobre Portugal irá de novo
Uma alegria mistica de ceus.

Então será o dia desejado
E sempre esperado e querido na distancia,
E as nossas almas, riso de outra Infancia
De Deus, apagará o sonho amargurado

E os gritos de triunfo se ouvirão
A dominar teu grito do Calvario,
Teu grito de paixão...
Mas alto irá teu grito solitario
De combate no ceu!

Arrancar! Arrancar!
A Luta e a Morte!
Ó novo e alto transporte
Que em ti apareceu.

Evocarei teu grito de Vitoria,
O sonho do Quinto Imperio e a gloria
De querer e de lutar

E a Raça toda, erguida num delirio,
Esquecida do martirio,
Ha-de ressuscitar.

E para a marcha infindavel
Com tua Imagem santa partirá
Para o Destino novo e formidavel
Que Deus lhe marcará

Ó Raça eis-te de novo sobre o Mundo
Iluminada de alma e de lutar:—
Acorde e marche, o grito mais profundo
De D. Sebastião revive em mim
E anda-me á iluminar!

Esta luta do Homem não tem fim
É o sonho mais fundo...
Arrancar! Arrancar!

Quartel do Carmo, 13 de Julho de 1922.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — **A Cidade** — CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Historia curta

Era uma loura trivial, de cabelos decorativos, só beleza nas mãos, que ela perfumava todos os dias no aroma dos cravos que floriam num vaso antigo de carrancas. Naquele dia, o sol fôra para ela, só para ela, um menino tenro de côr e de carne que lhe beijara a boca, metera ouro em fio nos cabelos, arrebentara três cravos como três chamas.

Ela poz-se á janela, uma janela de terceiro andar, onde ela via correr, na rua, gente estranha e desvairada, descalça, a gritar. Bocas negras a uivarem coleras, a pedirem cabeças. Mulheres, agitadas como farrapos, tinham palavras mais altas, onde havia insultos e caiam na multidão, agitando-a, impelindo-a.

E o sol era lindo, tinha uma caricia forte e reanimadora para todas as almas, agazalhava a cidade dos pobres, que fica lá em baixo, junto do rio, empoeirada de carvão, a luzeluzir do reflexo crepitante das aguas. Debruçou-se da janela a espreitar.

Em frente, a tropa hirta, com as armas a repousar, olhava, sem um gesto nem um odio, a multidão mais negra, mais frenetica, a revolver-se toda.

Chovem pedras; as carabinas ergueram-se para o ar; um clarim tocou: «Fogo!»

Aquilo era interessante. Ela debruçou-se mais. Os seus cabelos excitados de sol eram ouro a arder; os cravos vermelhos já não eram três, eram quatro, a sua boca tinha petalas de fogo.

Na rua, um homem alto, esfarrapado, avançou para a tropa. Dum automovel alguem lhe falou. Ouviu-se um tiro. E aquele homem alto, escanzorrido, esgalgado, oscilou, encostou-se á parede, deu dois passos em falso e caiu na valeta, abrindo, numa cruz de trabalho e de sofrimento, os seus braços magros.

—Guilherme! meu Guilherme! Mataram-te!

Três cravos vermelhos, como sangue, caíram e ficão no sangue que cobria de petalas a calçada.

E o sol era lindo...

Artur Portela

Major general da Armada

Deve assumir ámanhã o cargo de major general da armada, o contra-almirante Alberto Pinto Basto. O cargo ser-lhe-ha entregue pelo contra-almirante sr. Pereira Nunes.

2.º comandante do Corpo de Marinheiros

Passou a exercer interinamente o cargo de 2.º comandante do Corpo de Marinheiros, o capitão de fragata sr. Silva Costa.

MUCOSAN
Ultima maravilha da sciencia alemã
Unico remedio que em 3 dias as mais rebeldes Cura
— purgações —
MUCOSAN
Indispensavel na higiene intima das senhoras
Unico remedio que em 5 dias as mais antigas Cura
— flôres brancas —
VENDEM
FARMACIA ESTACIO - Rocio
Silva, Neves & C.ª, L.ª - R. da Prata, 231
Farmacia Barral - R. do Ouro, 124
União C. de Drogas - R. Augusta, 180
Teixeira Lopes & C.ª - R. do Ouro, 154
Azevedo, Irmão & Veiga - R. Mundo, 24
V. Ribeiro & C. da Fonseca, L.ª — R. da Prata, 237, 1.º
Drogaria Quintans - R. da Prata, 194
Manuel R. Januario, L.ª - R. S. Lazaro, 115
DEPOSITO GERAL PARA PORTUGAL
A. SERRA E MOURA, Ltd.
T. dos Remolares, 30, 2.º — Tel. 3353 C.

EXCESSO DE ZELO

A CENSURA

objecto de acre censura no Parlamento

Os córtes injustificados feitos ontem no "Diario de Lisboa"

Falaram contra os censores os srs. ministro da Guerra, Alvaro de Castro, Presidente da Camara e dr. Nuno Simões

O *Diario de Lisboa* não está irritado. O facto de a censura—quem nos diria que voltava, a censura nestes termos!—ter ontem feito sobre o nosso jornal tropelias, que não desejamos classificar porque não temos intuitos de pessoalmente maguar ninguem; esse facto não nos leva a perder a compostura que desde a primeira á ultima pagina o *Diario de Lisboa* mantem. Mas para arquivo, publicamos o extrato do que hoje, a esse respeito, se disse na Camara dos Deputados.

***

Antes, porém, temos o dever de dizer ao publico o que a censura nos cortou ontem:

Uma entrevista com o sr. ministro de Agricultura, que defendia o governo.

Uma entrevista com o sr. Peres Trancoso, que esclarecia o publico.

A noticia da reunião no Parlamento dos srs. presidente do governo, ministros do Trabalho e Agricultura, Peres Trancoso e Abilio Marçal.

A nota do comissario dos Abastecimentos, antes publicada no *Diario de Noticias*.

Uma entrevista com o secretario geral da C. G. T. que não era subversiva e falava do final da greve.

O relato imparcial do combate do Poço do Bispo, com a versão da policia e dos locatarios.

O nome do tipografo Lima, já dado em «placards» e no Parlamento etc., etc.

Sobre tudo isto a censura atrazou o nosso jornal uma hora, o que equivale a um desfalque material, e prejudicou o publico. E alfim lançou sobre a população um novo terror, especie de bomba sugestiva, que se traduz assim:

--Que diabo se passou de grave que o *Diario de Lisboa* foi mutilado?!

***

O sr. dr. Alvaro de Castro:

—Aproveito a circunstancia de estar no uso da palavra para protestar energicamente contra a maneira como está a ser feita a censura. Não pode ser! Sou em principio contra todas as censuras. Só por excepção admito uma censura previa sobre o pensamento. Mas o que a minha inteligencia se recusa a aceitar é uma censura que se exerce sobre os proprios artigos governamentais e corta os relatos do Parlamento.

E explanando melhor o seu ponto de vista diz:

—São perniciosos os efeitos da censura assim feita, porque lança o publico na duvida e aumenta a confusão. Por outro lado—diz precisamente, tal qual escrevemos, o ilustre deputado—«uma censura que corta pedaços de artigos desfigurando-lhe o caracter e dando-lhe um sentido oposto comete uma *escroquerie*». Se a censura tem de continuar, que continue, mas em termos de não envergonhar a propria censura, que é uma função melindrosa que não pode ser exercida só por bem intencionados, nem apenas por facciosos. *(Apoiados.)*

***

O sr. presidente da Camara, Domingos Pereira, respondendo ao sr. Rodrigo Rodrigues e Alvaro de Castro:

—Não se compreendem os cortes feitos nos extractos parlamentares, porque as sessões do Parlamento são publicas...

***

O sr. dr. Nuno Simões:

—A liberdade e a responsabilidade da imprensa regem-se por uma lei. Se não é boa, faça-se outra. Mas a censura como está, não, não pode ser! Compreende-se, embora repugne, uma censura sobre ideias subsersivas. Mas sobre o *Diario de Lisboa*, que nesta circunstancia melindrosa tem mostrado um patriotismo e prudencia inteligente *(apoiados)*, não se compreende! Os factos não se podem desfigurar e de resto o publico sabe-os e... ouve-os.

E o ilustre deputado afirma:

— Isto tem que acabar hoje mesmo! Fizeram ontem córtes que não quero classificar. Suprimiu-se até a entrevista com um ministro! As pessoas que foram indicadas para esse cargo de censores mostraram terem um criterio insuficiente á força de exagerado.

Nesta altura, o deputado dr. João Camoesas informa o orador de que o governo já deu providencias, de maneira tal que o proprio ministro do Trabalho foi esta noite assistir á censura.

Uma voz: — Acabe-se com ela!

O sr. dr. Nuno Simões:

— Folgo que isso tenha sucedido. Os factos que apontei são suficientes para provarem que a censura prejudica as relações da imprensa com o governo, que cria um falso estado de terror, que provoca uma irritação nos proprios amigos da ordem (como o *Diario de Lisboa)* ontem prejudicadissimo. A censura é um mal. Reduza o governo esse mal ao minimo *(apoiados gerais)*.

***

Fala o sr. ministro da Guerra:

— Mal soube que houve excessos tratou imediatamente de remediar o mal. O sr. dr. Vasco Borges, seu colega de gabinete, passou a noite na censura, orientando e corrigindo.

Vozes — Ainda bem!

TODOS DEVEM GARANTIR O FUTURO DE SUAS FAMILIAS EM
"LA NATIONALE"
"SOCIÉTÉ ANONYME D'ASSURANCES SUR LA VIE"
FUNDADA EM PARIS EM 1830
Reservas e garantias: Setecentos e trez milhões de francos
Agente geral: Manuel Casal
Rua Aurea, 87, 1.º Telefone 3:187-C.

NOS DEPUTADOS

A SESSÃO MATUTINA

decorre numa calma significativa

O governo não foi atacado e não ha crise politica

A's 9-45, a primeira chamada. Decorre menos sonambulamente do que o costume.

Os deputados levantam-se frescos e teem todos, até os ministros, atitudes direitas, impertigadas. Lê-se muito os jornais.

A acção da censura está na ordem do dia. Correm os comentarios.

O balanço da chamada dá 61 deputados. O governo, de começo quasi todo.

O sr. Rodrigo Rodrigues, que abre a inscrição, refere-se ao facto da censura cortar extractos parlamentares e diz que, para melhor ser exercida a função do jornalista, os taquigrafos deviam fornecer aos jornais um serviço especial dos discursos proferidos.

O sr. Domingos Pereira, vendo bem a questão, do seu logar de presidente afirma que tal pratica não... é pratica. Não se pode montar um serviço especial de taquigrafia para esse fim.

O sr. dr. Alvaro de Castro insurge-se:

—Não criemos mais um serviço de Estado! O que se pode fazer é arranjar as coisas de modo que os taquigrafos, três horas depois da sessão, possam fornecer aos jornalistas um resumo do que se passou. Faz nesse sentido uma proposta. (O ilustre deputado, na sua grande boa vontade, esquece-se de que para a imprensa três horas de espera seria uma eternidade).

O sr. João Camoezas manda a proposta do dr. Alvaro de Castro para a Comissão Administrativa. Liquidada.

Nesta altura discute-se e ataca-se o serviço de censura aos jornais, o que damos noutro logar.

O sr. Cancela de Abreu protesta contra o facto de ter ha dois meses requerido a copia do processo de sindicancia ao governador do Presidio da Trafaria, sem ser atendido.

—Sabe-se agora que o processo... desapareceu. Ora veja-se!

O sr. ministro da Guerra responde. Como sempre, fala tão baixo que a dois metros não se ouve nada.

O sr. Ferreira de Sousa trata dos casos de raiva, e atribue as fatalidades que se registam ao facto de os mordidos levarem muito tempo a chegar a Lisboa. Pede providencias.

O falecimento do sr. Celestino de Almeida.

A Camara evoca o seu nome, a sua fé republicana, o seu caracter. Alguns falam da sua inteligencia. Fazem-se ouvir, fazendo o elogio do extinto os srs. presidente da Camara, Diniz da Fonseca, João Luís Ricardo, Sá Cardoso, Agatão Lança, Morais Carvalho, Ginestal Machado e o presidente do governo.

O sr. Carvalho da Silva refere-se ao comissariado do Brasil, á expedição, aos grandes gastos feitos, e cita casos e argumentos.

O sr. ministro do Comercio, Lima Basto, varre a sua testada:

—Não fui eu que criei aquele serviço e que regulei a representação ao Brasil. Foi o Parlamento. Mas o certo é que a nossa representação tem de ser decente, apresentavel. digna.

O deputado monarquico replica com algumas fra ses.

Ordem do dia: o projecto do generalato. Discute-se tranquilamente. Vê-se que o governo hoje está em ar de santidade com a Camara.

A demissão do sr. Peres Trancoso foi geralmente bem recebida, principalmente pelo sr. Ginestal Machado. Mas vê-se que houve quem não concordasse com o ataque feito a este homem publico, cuja boa fé é incontestavel.

«A REVOLUÇÃO»

Este jornal monarquico-sindicalista suspendeu a sua publicação até terminar a censura á imprensa.

BOM SUCESSO

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

ECOS DA GREVE GERAL

A POLICIA

O tenente sr. Almeida Pio conta ao "Diario de Lisboa" varios episodios da sua acção durante o movimento

A policia teve uma acção importante no decorrer da greve geral que ontem foi suspensa.

O tenente sr. Almeida Pio, que foi o oficial que mais serviços prestou á manutenção da ordem, efectuando numerosas diligencias, é um amigo dos jornalistas e prestou-se amavelmente a contar-nos as suas impressões sobre os ultimos acontecimentos e sobre o papel que a policia nele desempenhou.

— Diga-me, francamente: — tem a impressão de que o movimento tinha apenas por motivo o encarecimento e a má qualidade do pão?

— Não me parece. Julgo que isso foi o pretexto para mais uma agitação. Porque a verdade é esta: Lisboa era das terras que estava pagando o pão mais barato. De resto, tantos generos têm aumentado extraordinariamente de preço, sem que tenha havido qualquer movimento...

— Nas diligencias a que tem procedido...

— Tudo se tem passado na maxima ordem. Isto tambem vai da maneira como se fazem as coisas.

Fala-se do encerramento da C. G. T.:

— Todas as vezes que a central da organização operaria tem sido encerrada, tem havido conflitos, tumultos. Desta vez não.

Cheguei lá com dez policias. Deixei nove cá em baixo e subi com o outro. Na sala da construção civil grande reunião. Discursos. Disse ao presidente: — Tenho ordem para selar tudo isto. Portanto, façam favor de saír!

— E ele?

— Pediu-me apenas para deixar acabar o discurso.

Disse-lhe: — Bem. Dou-lhe cinco minutos para encerrar a sessão. Fechei a porta e vim para o corredor. Discursaram, gritaram. No fim dos cinco minntos, entrei na sala: — Meus senhores: — está encerrada a sessão! Façam favor de saír!

Começaram aos vivas. Declarei que só lh'os consentia ali. A' saída calaram-se. E só quando alguns mais esturrados começaram gritando é que a policia os dispersou.

* * *

Ante-ontem, recebi noticia de que na séde da C. G. T. se encontravam reunidos mais de 500 operarios. Pareceu-me estranho o caso, estando tudo selado. Fui lá. Os sêlos estavam intactos. Mas desde a porta do pateo até lá acima, tudo cheio de gente. Preguntei-lhes o que faziam.

—Aguardamos ordens do «comité».

—Mas os senhores não sabem que não podem estar reunidos?

Trocadas poucas palavras, tudo dispersou na melhor ordem.

Conclusão: — Geralmente as culpas dos conflitos advêm duma excessiva rudeza de parte a parte...

* * *

Continuamente, o telefone retine. Daqui participam que os operarios da fabrica tal largaram o trabalho. Agora é outra esquadra, informando duma scena de tiros. Um nunca acabar. O gabinete do oficial de serviço, nestas ocasiões, é um inferno.

Saímos. No pateo do governo civil três sarilhos de espingardas. Ordens rigorosas para não deixar entrar ninguem. A' porta um «paliteiro», que é como o povo chama aos «camions» carregados de policias armados.

Diz-se que está tudo normalizado.

POLITEAMA Brevemente
: AS FLORES :
com ANGELA PINTO e AMELIA REY COLAÇO

BOM SUCESSO

DURANTE A GREVE

Ainda o caso do Beato

VIOLENCIAS CONTRA A FORÇA PUBLICA

As versões do acontecimento

O caso do Beato, ocorrido no ultimo dia da greve, encerra uma lição que importa registar, porque marca bem quanto são nocivos os excessos e as atitudes violentas aos proprios que deles usam. A força publica foi atacada, defendeu-se como lhe cumpria — e mal de todos nós se assim não acontecesse. Mas ao fim, vai-se a ver, e, quem mais sofreu com os desmandos dos revoltados foram as suas proprias mulheres e os seus proprios filhos, as maiores vitimas daquele e de todos os desvarios da desordem.

* * *

O «predio Santos Lima» é uma «vila» de dois andares, enorme, os compartimentos alinhados e numerados em alas como nas ruas estreitas de qualquer bairro. Tudo gente pobre, gente que moureja de dia e que, á noite, porque a casa não tem conforto, procura cá fóra distrair-se ou respirar. A petizada brinca e joga a pedra, as mulheres fazem a intriga possivel nas conversas de «soalheiro», os homens, quando o dinheiro chega, decilitram no armazem da esquina, quando não chega entreteem-se a discutir a politica segundo lá o criterio que lhes ensinaram, e que eles julgam ser o melhor. Daí...

* * *

Daí, talvez, o que aconteceu e que as mulheres contam, naturalmente assustadas ainda com as scenas de violencia a que tiveram de assistir por culpa dos maridos.

—A casa tem muito má fama, senhor; lá isso diga-se a verdade (confessa uma).

E logo um vizinho, o Francisco Nascimento, tanoeiro, confirma o dito.

—Eles (eles são os guardas e a policia), até nem passam aqui que não se acautelem; o olhar para as janelas e para o telhado com as espingardas a geito.

—Mas como foi isso da desordem?

—Não vê que os «tipos» que atiraram pedras ao «carro dos fios» estavam aqui á esquina... E os policias, quando passaram para baixo já tinham dito que não os queriam ali, que se fôssem embora, que, na volta, já não queriam que fôsse preciso repetir o aviso.

—E desobedeceram?

—Eu fui-me logo embora. Depois, quando já ia ali ao pé do candieiro, é que foi a zaragata. Ouvi um estoiro, os tiros começaram... E vai eu agachei-me assim (o narrador vai exemplificando, acocorado na sala como na hora do perigo que passou) agachei-me assim e desatei a gritar: «Não me matem pelo amor de Deus! Tenham dó de mim! Ai Jesus!»

«Tanto, que o sr. tenente disse para os soldados, que—isto é que é verdade—numa altura daquelas tambem não tinham tempo de estar lá a preguntar quem eu era:

—Não mecham no homem. Levem-no lá para baixo tambem, mas não lhe façam mal. Depois, dali a bocadinho, pozeram-me em liberdade.

* * *

—A coisa, então, foi séria... E afinal, bem podiam e deviam, vocês, ter evitado tudo isto...

—Isso parecia ai uma guerra civil. A gente nem sabia de onde partiam os estoiros.

E duas mulheres a explicarem:

—Olhe: era assim (e fazem pontaria com o braço esquerdo, a mão direita a fingir de gatilho junto ao seio). Era assim: pum, pum, pum. Parecia que se acabava o mundo cá dentro.

—Ai credo! era uma guerra civil—exclama a sr.ª Filomena d'Almeida com as mãos postas em tom de reza.—Eu vim para o corredor a pedir que não fizessem mal ás criancinhas. Mas eles vinham desaustinados; nem me ouviam. Só o que queriam era que a gente lhes puzesse p'r'ali os homens. E desataram a arrombar as portas, e eu a gritar: «Oh! gentes! abram, senão fica aqui tudo derrotado». O sr. tenente coitadinho até, quando cá entrou, fez assim como quem diz: «isto taméem é demais.»

***

Agora todas falam ao mesmo tempo.

—A minha menina, foi por milagre.

A pequena está presente e é filha da sr.ª Filomena. E' uma petiza encantadora, gorducha, dois anos bem empregados de nascida. Passou-lhe uma bala de raspão pela cabeça, que anda amarrada ainda com ligaduras. A inocente brinca e ri, ignorante de todo da tragedia em que esteve envolvida.

—E mora aqui muita gente?

—Oh! filho: ele só casas são 43! Ha aqui muita familia.

—E os vossos homens? Pelos modos resistiram á policia...

—Ora! Eles coitadinhos, os que cá estavam a maior parte era para não se meterem nos barulhos. Outros estavam doentes... Outros estavam p'r'aí a almoçar com as familias.

—Não era ocasião mais oportuna para o almoço...

A mulher tem uma hesitação como de quem percebe que exagerou a defesa, e ilude a resposta:

—Deram-lhes p'r'ai pancada. (Pancada dizemos nós; a narradora empregou outro termo mais sonoro e mais plebeu). Deram p'r'aí pancada...

E a comentar, numa indignação:

—Eh! Tambem não é assim que se fazem as coisas!

Na divisão da esquina, onde mora o sr. José Manuel Paninho, as senhoras que estavam em casa e que anseiam por ver-se livres daquilo tudo, estiraram-se a um canto por baixo duma comoda. O retrato do dono da casa—obra de estimação—foi furado por uma bala. E ha mais sinais de tiros, nas janelas, nas paredes, nos moveis, nas portas interiores. Até na cozinha penetraram. Uma delas cortou um fio que suspendia um quadro na parede da sala de fóra.

* * *

—Deixe-as lá falar! — disse-nos depois na esquadra proxima, o cabo sr. Joaquim Carvalho, que foi ferido com uma facada durante a refrega. Se elas não deixassem andar os maridos e os filhos nas desordens, mais lhes valia.

—Dizem que havia lá poucos homens...

—Não, não havia! Então onde estavam os 110 que nós lá prendemos? Aquilo é má raça de gente.

E a pormenorizar:

— Nós saímos d'aqui — eu e o meu pessoal — quando começaram os tiros. Os meus homens quizeram avançar logo. Mas, como a guarda ainda não tinha procedido, eu disse para eles: —esperem aí, deixem lá vir a guarda, que, para mais, tem carabinas e nós não.

A guarda veiu, e avancei logo. Do telhado faziam tiros e deitavam bombas, escondidos com as chaminés. Tivemos que recuar. Entretanto, a guarda deu uma descarga, e eu, com o meu pessoal, entrei então no predio. Tomámo-lo de assalto.

* * *

— E lá dentro?

— Lá dentro, tivemos que arrombar algumas portas porque não queriam abri-las. Os homens estavam a fingir de doentes, na cama, ou a fingir que almoçavam.

O cabo tem um sorriso de incredulo, e conclue:

— Olhe: o que me feriu a mim estava na cama, debaixo do lençol, com a cabeça amarrada. Mas tinha a faca escondida, e estava vestido e calçado. Pois se não fosse isso, tambem ele não me dava a facada.

—Houve *corps-á-corps?*

— Pois houve. O homem, a certa altura, saltou da cama, e pegámo-nos. Foi então que o segurei com uma cutilada.

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

O ministro da guerra ordenou a readmissão do pessoal do Arsenal do Exercito.

No Arsenal da Marinha, o pessoal continua trabalhando, embora o considerem despedido.

Foi hoje afixado, nos logares do costume, o seguinte edital:

1.º Todos os estabelecimentos, excepto as farmacias quando forem requisitados os seus serviços, deverão estar fechados ás 22 horas.

2.º E' permitido o transito de pessoas e veiculos pelas vias publicas desde as 5 até ás 23 horas; fóra destas horas só será permitido ás pessoas munidas de salvo-conduto.

3.º Continuam em vigor todas as restantes disposições do meu edital de 8 do corrente, que não são alteradas pelo presente.

Quartel general em Lisboa, 10 de Agosto de 1922. João Pedroso de Lima, general.

Realizou-se hoje, no Tribunal das Transgressões, o julgamento de varios individuos acusados de transgredirem o edital do general sr. Pedroso de Lima.

A audiencia, ao contrario do que se supunha, não foi publica, realizando-se o julgamento no gabinete do juiz dr. Afonso da Silva Monteiro.

Olmindo dos Reis, que apresenta a cabeça toda ligada e a camisa cheia de manchas de sangue. Foi condenado na multa de 6$00 ou 6 dias de prisão.

Armando de Carvalho, 37 anos, Cruzes da Sé, 31, preso no Lumiar, ás 21,10, quando vinha da calçada de Carriche, com gado para o Matadouro, foi condenado em 10$00, ou 6 dias de prisão.

João de Jesus Pereira, rua D. Carlos de Mascarenhas, 25, 3.º, preso ás 3,30 da madrugada quando saía duma hospedaria, condenado em 13$00, ou 13 dias de prisão.

Silvano Migueis, cosinheiro, preso ás 21 horas, quando saía do «restaurant» da rua da Trindade, onde trabalha, condenado em 5 dias de prisão, remiveis a dinheiro.

Antonio de Souza, João Lopes, Manoel Casais e Augusto Marques Salsa, presos ás 21,30 horas no Campo Grande, quando vinham de Caneças, condenados em 19 dias de prisão remiveis a dinheiro.

Joaquim Faria, preso ás 21,30 horas quando ia para casa. Condenado em 15 dias de prisão.

O cabo n.º 52, da esquadra do s Terramotos, prendeu hoje o bombista José Jorge, rua Maria Pia, 617, que ha muito tempo andava fugido e que era procurado pela policia.

Foi entregue á P. D. S.

Os fragateiros, catraeiros e outras classes do trafego maritimo do Tejo retomaram ontem o trabalho.

Estiveram em greve 5 dias, o que causou consideraveis transtornos e prejuizos á economia nacional.

10:000 PALAVRAS

sem meter tinta, só escreve quem usa a nossa caneta de enchimento automatico

"TRIUNFO,,

Não suja, não entorna, nem deita borrões

PREÇO 20$00

Depositarios exclusivos

Papelaria da Moda

167, R. DO OURO, 173

MAQUINAS

Instalações completas para todas as industrias

Material de tracção, fixo e rolante para caminho de ferro de via estreita

Estudos e orçamentos gratis

PEDIDOS A CARLOS EMPIS

Rua de S. Julião, 23, 1.° — LISBOA

Telefone C. 5055 *Telegramas EMPIS — LISBOA*

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
Rua do Ouro, 18, 24	Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

---

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ADMINISTRAÇÕES

CALÇADA DO SACRAMENTO, 14, 1.º — Telef. 498

Trata de administração de propriedades rusticas e urbanas, colocação de capitais sem encargo para o capitalista, compra e venda de propriedades.

Vende:

Predio na Calçada da Tapada, n.° 87.
Predio na Rua Leandro Braga, n.° 32.
Predio na Avenida dos Estados Unidos da America, A. L. F.
Predio no Chiado, n.° 37-51, tornejando para a R. Ivens, 66-76.
Predio na Rua do Comercio, 33-41.

Optimos terrenos para construção na Calçada das Necessidades, Parque Eduardo VII, Estoril e Junqueira para oficinas e armazens

Facilita-se o pagamento

Alugam-se grandes armazens na Junqueira

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA

Tintas e material para desenhadores
Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho
Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

EXECUTAM-SE

trabalhos tipograficos e litograficos

Timbragem a relevo—Encadernações simples e de luxo

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

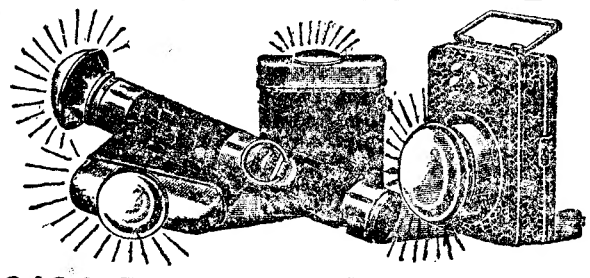
— LISBOA —

Banco Popular Português

RUA AUREA, 56 a 60

Depositos á ordem e a praso
Compra e vende aos melhores preços do mercado: Cambiais, Papeis de credito, Coupons nacionais e estrangeiros vencidos e a vencer.
TELEFONE, 3521

ELECTRICIDADE PORTATIL

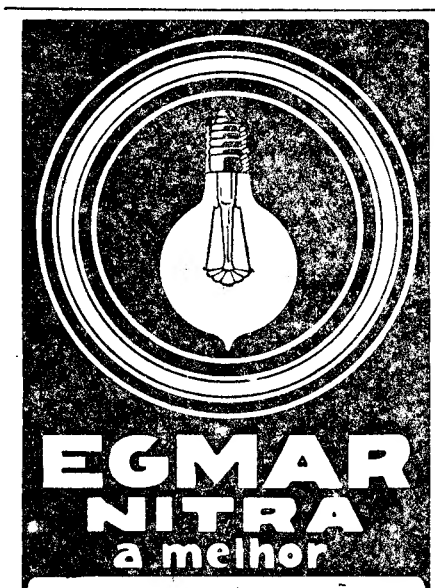


Lampadas d'algibeira, Bastões, Tarches, Lanternas para trazer na mão. Pilhas e baterias

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO — *Rua Augusta, 72 e 74* LISBOA — *Esta casa é incontestavelmente a mais bem fornecida*



AS DE MAIOR DURAÇÃO
AS DE MENOR CONSUMO
AS QUE DÃO MELHOR LUZ
SEM CONTESTAÇÃO POSSIVEL
SUPERIORES A TODAS AS MARCAS
DEPOSITARIOS GERAES PARA TODO O PAIZ:
SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A E G

LISBOA	PORTO
R. DOS FANQUEIROS 12	R. SÁ DA BANDEIRA 215

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

ESTORIL — TERMAS

Agua termal, hipersalina, cloretada sódica e magnésica, sulfatada e bicarbonatada calcica, litinica, etc.

RADIOACTIVA — MECANOTERAPIA — ELECTROTERAPIA — MAÇAGENS — LAMAS RADIOACTIVAS

Tratamento do reumatismo crónico, gôta, artrites, nevralgia sciatica; doenças das senhoras; linfatismo e suas manifestações e cutaneas; doenças de pele; do aparelho gastro-intestinal; das fossas nasais e da laringe; perturbações cardio-vasculares, etc.

O estabelecimento termal concede bonus nas viagens de ida e volta ao Estoril ás pessoas inscritas para tratamento.

ANIBAL NEVES, L.DA

Rua da Prata, 242|48

LISBOA

Telefone N. 3040 Teleg. VAPOR-LISBOA

Maquinas
Ferramentas
Materias primas
para todas as industrias

O "DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A POLITICA DOS ALIADOS

AS RESOLUÇÕES DA CONFERENCIA DE LONDRES

Protestantes e ortodoxos de acordo

KOBENHAVN, 10

A conferencia pronunciou-se pela protecção de todas as minorias e fez um apelo á Liga das Nações para estudar os meios a pôr em pratica, tendo-se as delegações francesa e alemã posto de acordo sobre uma proposta do desarmamento que a conferencia aprovou. Emitiu votos para que a Liga das Nações se fortifique, admitindo no seu seio todos os paises, incluindo a Alemanha.

A delegação americana prometeu fazer propaganda para que a America nela tome parte com delegados representando todos os paises da Europa, excepto a Russia, e bem assim o Japão.

Os Estados Unidos da America, incluindo todas as igrejas protestantes e a ortodoxa estão de acordo em que o unico meio de curar as feridas da guerra e restabelecer a paz no mundo é pôr sinceramente em pratica o grande principio de Jesus Cristo: fazei aos outros o que desejarieis que vos fizessem.

— O ministro dos negocios estrangeiros deu ontem á noite um grande banquete aos principais delegados. Portugal estava representado nesse banquete pelo professor Alfredo da Silva, do Porto.

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Direcção do Sul e Sueste — Serviço dos Armazens Gerais

Concurso para a compra de 185 000 travessas de pinho em branco

ANUNCIO

Pelo presente se faz publico que no dia 5 do proximo mês de setembro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 185.000 travessas de pinho em branco.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito provisorio de 2.127$50 por cada lote.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 30 centavos, devidamente inutilizado.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio com a quantia necessaria para perfazer 5 0|0 da importancia total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um deposito definitivo, que ficará á ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermedio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral de Depositos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes na Secretaria da Direcção, rua de S. Mamede n.º 63, ao Caldas, e na dos Armazens Gerais, (Estação de Lisboa Terreiro do Paço), onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 3 de agosto de 1922.

O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais

Feio Terenas

O "Diario de Lisboa,, no Brasil

O nosso correspondente e representante no Rio de Janeiro e S. Paulo é o sr. Domingos José Cardoso, com escritorio na primeira destas cidades, na rua das Andradas, 40, para onde todos os nossos amigos, colaboradores, anunciantes e assinantes do Brasil podem enviar as suas ordens.

Este nosso representante possue um serviço completo de informações sobre preços de publicidade, assinaturas e tudo que diz respeito ao «Diario de Lisboa»

ENTRE ALIADOS DE ONTEM

AS OPINIÕES

da França e da Inglaterra frente a frente

"Defendam os seus pontos de vista. Se fôr necessario, rompam!"

As duas opiniões francesa e britanica, profundamente antagonicas, encontraram-se emfim frente a frente e agora será dificil transferir por mais tempo a solução deste problema, o mais grave da Europa e do mundo.

Não é de hoje que a França e a Inglaterra têm opiniões inconciliaveis. Foi na propria Conferencia da Paz, quasi ao findar, quando Lloyd George, tarde demasiado, atingiu o alcance desse Tratado de Paz que Clémenceau soubera arrancar-lhe e ao presidente, pela ilusoria cedencia de coisas que então pareciam grandes e hoje nem se veem, foi nesse momento que se vincou a separação entre a vontade das duas nações.

Esse ponto poderia mesmo pôr-se um tempo atrás: quando o grande economista Keynes, vendo que não podia entravar esses pedidos de impossiveis reparações que haviam de arrastar a Europa á sua situação de hoje, abandonou os trabalhos da Conferencia para escrever o seu livro celeberrimo «As Consequencias Economicas», cujo grito de alarme estrugiu pelo mundo inteiro, que a França considerou inimigo, mas que chamou a atenção de todos para o perigo mundial que representava o Tratado de Versailles.

Mas o inconsiderado aplauso á obra da Paz, que o entusiasmo da vitoria provocava, obliterando por toda a parte o poder de análise e de comparação, fôra tão grande, que o grito de Keynes ainda não conseguiu penetrar em França; e a propria Inglaterra, a primeira que se interrou e analisou através as provações continuadas que têm vindo sofrendo e ele lhe anunciava, só hoje teve a fôrça necessaria para opôr declaradamente a sua vontade á da França, imbuida ainda do espirito vingativo de Clémenceau, que ela por falta de quem lhe fale verdade considera justo.

Assim, as terriveis provações que Keynes anunciava quasi com medo das consequencias fatais para a Europa a que o levava a analise das estipulações do Tratado de Versailles, têm-se realizado mecanicamente.

Durante este longo espaço de tempo, as negociações entre a França e a Inglaterra têm-se arrastado morosamente. Têm sido precisos verdadeiros milagres de diplomacia para se não declarar o inevitavel rompimento, visto nenhuma querer adoptar o pensar da outra—o que, aliás, é dificil e sem exemplo na Historia.

Mas isto só se tem conseguido á custa de soluções aparentes, cuja falsidade todos vêm e ninguem se atreve a declarar, para uma semana depois se declarar necessaria uma nova reunião para novas combinações que nada resolvem.

No entanto, os acontecimentos caminharam; a Inglaterra assiste ha anos ao desaparecimento da sua industria; e agora, olhando a iminente derrocada da Alemanha e considerando os efeitos que isso traria para a Europa inteira, resolveu emfim impôr a sua vontade, como unica tentativa possivel de salvação propria e dos outros.

* * *

A Conferencia de Genova foi a primeira grande tentativa; a Inglaterra esperava resolver nela, não só o problema russo como o das reparações. Mas, para não romper com a França, não resolveu um nem outro.

Em Haya sucedeu o mesmo.

Usando de todos os meios ao seu alcance, Poincaré impôs que o problema das reparações não seria atacado em nenhuma delas, certo como estava de que veria levantar-se contra si uma maioria formidavel. Esperava que a solução lhe seria mais favornvel numa reunião do Conselho Supremo, onde os adversarios seriam menos numerosos e a voz da Belgica auxiliaria a da França.

* * *

O auxilio da Belgica falhou; esta aliou-se á Italia e á Inglaterra, o que aliás estava de prever desde que por ocasião da tentativa de emprestimo internacisnal fizera o mesmo. E para mais as ultimas medidas francêsas tomadas contra a Alemanha foram de certo modo prejudiciais á Belgica.

Assim a França, encontra-se hoje absolutamente isolada na sua opinião.

* * *

Poincaré teria ainda a ilusão de que a vontade da Inglaterra era bastante vaga para se não poder opôr á vontade firme da França?

Talvez; foi isso que deu a vitoria a Poincaré em Genova; mas desde então a opinião inglesa radicou-se, e o que a Inglaterra não se atraveu a fazer então fê-lo agora, principiando na nota de Balfour, o qual afirmou bem que hoje a Inglaterra tem um plano tão defenido como o da França, e terminando na reunião de ministros que avisou os seus delegados de que têm plenos poderes para resolver como entenderem, mas lembrando-lhes as intenções expressas por Balfour.

Por seu lado, o governo francês fez o mesmo a Poincaré e os aplausos que a imprensa britanica dá á opinião dos seus homens de Estado, dá-os tambem a francesa aos seus.

Temos, pois, a Inglaterra e a França, com opiniões definidas e antagonicas, frente a frente, resolvidas a defendê-las até á ultima. As instruções que os governos francês e inglês deram aos seus homens, não significa, em resumo, senão: «Defendam os seus pontos de vista. Se fôr necessario rompam.»

* * *

Tal é a situação.

Será possivel encontrar uma plataforma conciliadora? Para isso seria necessario que Poincaré abandonasse as medidas que exige, as quais anulariam por completo a moratoria que se conceder á Alemanha.

A dar-se o rompimento — só milagrosamente evitavel como se vê — é natural que a França empregue então contra a Alemanha as medidas que vem anunciando. Mas é prematuro anunciar num trabalho rapido como este, quais serão as consequencias desse procedimento que poderia arruinar a Alemanha.

Mas é preciso pensar que desse momento em deante esta receberia um certo auxilio das outras nações, que tentariam por outro lado anular o esforço francês.

Seja como fôr, a dar-se o rompimento, o futuro da França apresenta-se pouco prospero, desajudada por todas as outras nações, á frente das quais se encontrarão a Inglaterra e os Estados-Unidos. E se Poincaré não reconsiderar — o unico que tem força suficiente para o fazer agora—a França num futuro bem proximo não deixará de pedir contas aos que a levaram a esta situação, embalando-a em possibilidades illusorias da Alemanha, encobrindo-lhe o ressentimento natural dos males que passou até ao odio cego, por lhe terem escondido e desnaturado a verdade, porque a França está convencida de que a razão está pelo seu lado.

Uma chavena de cacau da

S. I. C.

equivale, como alimento, a 5 chavenas de café!

Além d'isso o cacau beneficia a saude e o café prejudica-a

A POLITICA DOS "SOVIETS"

A CONDENAÇÃO DOS SOCIALISTAS RUSSOS

Comentarios da imprensa inglesa

LONDRES, 11

A imprensa inglesa comenta acremente o procedimento russo relativo á condenação dos socialistas russos. Estes serão executados pelo «crime» de se oporem, «em principio», a certos actos do governo dos «soviets».

Tal procedimento, dizem os jornais, prova o valor da justiça e da liberdade na Russia. Se os bolchevistas quizerem continuar a governar o proprio pais, é de toda a necessidade que comecem a respeitar a opinião dos outros povos. Não aceitar este principio, base de toda a nação livre, equivale a assinarem a propria sentença de morte.

«Ainda nos será possivel compreender,—afirma o «Times»—que os bolchevistas considerem seus unicos antagonistas os capitalistas e os ortodoxos, mas é para eles condição essencial de vida aceitarem as opiniões do proletariado do resto do mundo e não quererem afogar em ondas de sangue as opiniões que mais perto estão das suas». — (L. A.).

A REVOLTA NA IRLANDA

Mais violencias em Cork

Os irregulares irlandezes abandonaram a cidade de Cork, da qual fizeram ir pelos ares diversos edificios.—(H.)

500 INDESEJAVEIS

Expulsos da Alsacia e da Lorena

STRASBURGO, 10

A'manhã de manhã deve começar a notificação da expulsão de 500 indesejaveis da Alsacia e da Lorena. A expulsão deve estar concluida no dia 12 á noite.—(H.)

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

LVMEN

EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Á venda em todas as livrarias

Cons. dr. Antonio Cabral

Terras Longinquas — 1 vol. profusamente ilustrado. . . . . 4$00

João Ameal

Olhos Cinzentos . . . . . 2$00

Eugenio de Castro

Tentação de S. Macario, poema. . . . . 2$50

Dr. Bettencourt Rodrigues

Medicina e Medicos. . . . . 5$00

Eduardo Pimenta

D'aquem e D'alem.

Deposito Geral da «LUMEN»

Livraria F. França Amado, Sucessor—**COIMBRA**

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A MORTE DO Major Carrão d'Oliveira

O funeral realiza-se no domingo

A cerimonia da soldagem

Durante o dia têm ido numerosas pessoas inscrever-se nos livros de registo que se acha patente no gabinete junto onde está armada a camara ardente do malogrado oficial do exercito e comissario de policia major sr. Carrão de Oliveira.

Têm sido tambem recebidos telegramas e cartas de pezames de Lisboa e varios pontos do país.

Velaram o cadaver a viuva, filhas, irmão e pai do saudoso extinto. Têm sido depostas corôas e grande numero de ramos de flôres naturais.

Está definitivamente assente que o funeral se realise no domingo, pelas 14 horas, ficando o cadaver depositado no jazigo municipal, no cemiterio do Alto de S. João.

O capitão sr. Tribolet, que se encontra em Santarem, enviou um telegrama de pezames ao tenente sr. Graça, pedindo-lhe para o representar no funeral.

A's 14 horas realizou-se a cerimonia da soldagem do caixão, tendo assistido a familia do morto e o administrador do 2.º bairro.

A' mesma hora esteve tambem velando o cadaver o sr. presidente do ministerio, que se fazia acompanhar dos seus secretarios e pelo chefe do estado maior da 1.ª divisão militar.

Em seguida, o sr. Antonio Maria da Silva, dirigiu-se para o gabinete do sr. governador civil, com quem teve uma larga conferencia.

* * *

Uma comissão de alunos da Escola Comercial «Veiga Beirão» pede a comparencia dos seus condiscipulos no funeral do seu querido professor major sr. Julio Carrão de Oliveira, que se realiza no dia 13, pelas 14 horas, saindo do edificio do governo civil.

COMISSARIADO DOS ABASTECIMENTOS

O NOVO COMISSARIO, SR. PINA LOPES, QUE ESTÁ INDICADO, NÃO TOMOU AINDA POSSE

A demissão do sr. Peres Trancoso foi aceite. Encontramos o antigo comissario — comissario 24 horas — no seu gabinete de S. Roque.

— Estou á espera do meu substituto. Só cumpri o meu dever e fui maltratado.

— Demitido?

— Demiti-me.

— O sr. Pina Lopes?

— E' um nome autorizado. Ainda não tomou posse. Vem para aqui com o sr. Reis Santos, das Cooperativas, e com o sr. Tiago Sales, dos Sindicatos Agricolas.

E o certo é que a politica dos Abastecimentos vai modificar-se.

Para melhor? Para peor?

Direcção geral das Belas Artes

O 1.º oficial sr. Manuel Alvaro de Noronha foi nomeado chefe interino da 1.ª repartição da direcção geral de Belas Artes.

POLITICA PARLAMENTAR

O PARTIDO LIBERAL PERANTE O GOVERNO

Como vão ser discutidas as propostas de finanças e como é encarado o actual momento

FALA O SR. DR. GINESTAL MACHADO

O elevador da Camara dos Deputados, na sua primeira ascensão, levou seis parlamentares, informa o porteiro. Ha sessão e a sala está cheiinha como um ovo. No elevador, a ordem dos trabalhos, já denominada *menú*, onde os *hors de œuvre* são procurados e leixados os pratos do dia.

Ao cantaricar dos passaros burgueses do largo de Camões, que é sempre ás 9 horas, já estavam na Camara dos Deputados os seus proprietarios, os jornalistas, poucos continuos e parte do ministerio. Tudo nos seus logares.

Nos Passos Perdidos não ha conversas. Os divans têm as molas socegadas. O *hall* lembra um claustro.

Queremos comprometer, no melhor sentido da palavra, o sr. dr. Ginestal Machado com uma entrevista. Mas ha da parte dele um certo azedume, não contra o jornal, mas sim contra o jornalista.

—Ora! Em que lhe pode interessar um homem que faz discursos *longos e pesados*...

Respondemos:

—Os discursos são longos e pesados em relação ao assunto que versam... Mais nada.

O sr. dr. Ginestal Machado, que é um espirito liberal, nada censor, ageitou-se um pouco mais no sofá verde e interrogou:

—Então o que me quere?

—Pouca coisa. Aprender a politica do seu partido...

—Isso, só com o directorio do partido liberal... A minha opinião não o interessa...

—Ha sempre uma opinião interessante, até aquela que não se diz... Quere ver? As treguas parlamentares...

Nisto, surge o sr. dr. Nuno Simões, que hoje foi brilhante e eloquente, defendendo a imprensa, com o cabelo desmanchado, vivo, erecto, aquecido ainda no ultimo sopro da sua palavra. Era toda a sua pessoa a protestar, contra a censura ..., a de ontem...

Oiço a palavra do sr. dr. Ginestal Machado, pausada e inteligente:

—Ainda não se sabe nada. O directorio liberal vai reunir, para dizer o que pensa sobre as treguas...

—Obstrucionismo, não.

—Claro!

—O Governo...

—Com a questão da ordem publica fica.

—De resto, se viesse outro...

—Continuaria a ser democratico...

—As minorias, não terão poder?

—Não, porque são minorias... Só se houvesse alguem que quizesse ter automovel e correio, a dias...

—Sabemos que as propostas de finanças, vão ter a discussão do seu partido...

—Tambem eu o sei...

—A sua impressão total?

—Parecem-me feitas por um escrivão...

—Apezar de serem feitas por um ministro...

—Atendeu-se apenas ao criterio fiscal...

—Impossivel!

—O que é impossivel é aprová-las tal como serão presentes ao Parlamento...

—O que lhes falta?

—Muita coisa!

—Desse muito...

—Olhe! Ao criterio fiscal devia-se aliar o espirito economico, mesmo o social...

E o sr. dr. Ginestal Machado repete, vagarosamente:

—As propostas de finanças parecem-me feitas por um escrivão...

E o sr. dr. Ginestal Machado pede dez minutos para ir lá dentro á sala das sessões, fazer o elogio funebre de Celestino d'Almeida.

A' volta diz-nos:

— Nós temos dentro do partido as maiores capacidades financeiras da Republica...

—Falarão os srs. Cunha Leal, Barros Queiroz, Ferreira da Rocha, Vicente Ferreira.

—Três talvez cheguem... Aprovadas as propostas na generalidade, certamente que o partido liberal deve introduzir algumas emendas...

—Mas não crê que a veemencia do sr. Cunha Leal levantará uma questão politica. Porque na politica ha uma coisa que sempre falha...

O sr. dr. Ginestal Machado interessado, a fazer um pouco de exame·

—O quê?

—A previsão.

Sorriu-se ironicamente e explicou no meio do silencio fundo dos Passos Perdidos:

—Cunha Leal discutirá as propostas apenas sob os pontos de vista, tecnico e financeiro.

—O governo...

—Precisamos manter o que está! O partido liberal comprehende as greves... greves economicas, não revolucionarias...

E o sr. dr. Ginestal Machado retirou-se outra vez para a sala das sessõss. Tratava-se do caso dos generais.

Com dois tiros no peito

A' porta de uma taberna na rua do Assucar, no Beato, envolveram-se em desordem dois descarregadores, Francisco Monteiro, 22 anos, e seu cunhado José Cardoso, ficando o primeiro ferido com dois tiros no peito. O agressor foi preso e o ferido recolheu, em estado satisfatorio ao hospital de S. José. A desordem foi motivada por uma questão de familia.

As missões religiosas nas colonias

Já está elaborado um diploma que trata das missões religiosas no ultramar, diploma que depois de ser aprovado pelo sr. ministro das Colonias, será submetido á assinatura presidencial.

CAMBIOS

Dia 11

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	66$000	68$000
Londres, cheque	4 1/16	4
» 90 d. v.	4 3/32	—
Rio Londres	7 1/32	—
Paris	1$053	1$074
Itália	$600	$610
Bélgica	1$002	1$018
Suiça	2$502	2$512
Espanha	2$049	2$082
Berlim	15	20
Holanda	5$162	5$222
Nova-York	13$250	13$450
Rio s/Lisboa	1$807	1$837
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$250	1$350

Politeama
BREVEMENTE
As Flôres
com Angela Pinto e Amelia Rey Colaço

A SESSÃO DA Tarde, no Parlamento

Remodelação dos serviços publicos

Dois votos de sentimento

A's 15,45 reatam-se os trabalhos, usando da palavra o sr. Cancela de Abreu sôbre a proposta que autoriza o governo a remodelar os serviços publicos.

NO SENADO

Os trabalhos iniciam-se com a presença de 19 legisladores, estando na presidencia o sr. Gaspar de Lemos, secretariado pelos srs. Pereira Gil e Sousa Varela, ocupando o seu logar o sr. ministro do trabalho. Galerias muito concorridas.

O sr. presidente propõe um voto de pezar pela morte do venerando republicano sr. dr. Celestino de Almeida. E' aprovado, depois de se terem manifestado os representantes de todos os partidos que têm palavras de repassado sentimento para com a memoria do saudoso e antigo senador e homem de Estado da Republica.

O sr. Ramos da Costa igualmente propõe um voto de pesar pelo falecimento do major sr. Carrão de Oliveira. E' aprovado,

Uma causa antiga

Foi ontem confirmada pelo Supremo Tribunal Militar a sentença que absolveu o soldado Manuel da Costa Guilherme, acusado de matar a namorada em Salvaterra de Magos. Foi julgado três vezes, tendo sido condenado duas á pena maxima, 29 anos de degredo e no 3.º julgamento, em 30 de junho foi absolvido. De todas as sentenças houve recurso para o Supremo Tribunal onde tambem foi julgado três vezes. Foi sempre defendido pelo alferes sr. Francisco Dias Bernardo, estudante de Direito.

Funcionarios coloniais

Vai ser publicado um decreto acabando com certas regalias que usufruiam actualmente os funcionarios coloniais.

ASSINATURAS DE VERÃO DO «DIARIO DE LISBOA»

O *Diario de Lisboa*, a fim de facilitar aos leitores que nesta quadra se deslocam para a provincia, a sua leitura, resolveu criar assinaturas por pequenos periodos, nas seguintes condições:

Preços:
- 10 dias . . . . . Esc. 1$00
- 20 » . . . . . » 2$00
- 30 » . . . . . » 3$00

Os pedidos devem ser dirigidos é administração deste jornal, acompanhados da respectiva importancia em vale postal ou carta registada, com as necessarias instruções.

BOM SUCESSO

ADVOGADOS

Pires do Vale
João de Vasconcelos
Luciano Barata

Acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.

Consultas orais e escritas desde as 11 ás 17 horas.

R. Augusta n.º 129, 1.º *LISBOA*

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses..... .... 9$00
6 » ..... 18$00
12 » ..... 36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte de correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48